



Clarice Lispector Jornalista¹

Mariana Guedes Conde²
Samária Araújo de Andrade³
Universidade Estadual do Piauí, UESPI

Resumo

Este artigo objetiva ressaltar a carreira de Clarice Lispector, umas das mais notáveis escritoras contemporâneas, enquanto jornalista. Este destaque dar-se-á através de um breve estudo das suas publicações como cronista, colunista feminina e entrevistadora durante as décadas de 50, 60 e 70, partindo da análise das publicações *A Descoberta do Mundo*, compilação de crônicas publicadas no Jornal do Brasil; *Correio Feminino*, antologia de textos publicados em colunas femininas e *De corpo inteiro*, seleção de entrevistas realizadas pela escritora. A análise de alguns textos apresenta uma Clarice nova, pouco conhecida, que exerceu papel significativo na imprensa brasileira, aplicando a ela o caráter valioso e virtuoso de sua literatura.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Jornalismo; Literatura

1. Introdução

Com este trabalho, busco compreender as relações entre a literatura de Clarice Lispector e as suas publicações na imprensa brasileira durante a segunda metade do século XX, através de uma breve discussão acerca do chamado Jornalismo Literário e uma contextualização da situação da imprensa feminina no Brasil naquela época.

A metodologia empregada consta de pesquisa bibliográfica, partindo da coleta de dados presentes nas publicações analisadas – coletâneas das principais contribuições de Clarice Lispector como colunista feminina, cronista e entrevistadora organizadas em livros – além da freqüentação de outras obras da autora. Para tanto, foram selecionados alguns trechos de textos publicados por Clarice em jornais. Vale ressaltar que a referida

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Graduação do 4º semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, email: mariana_guedes@hotmail.com

³ Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (1991) com especialização em Marketing pela Universidade Federal do Piauí (2001). Professora da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. samandrade@oi.com.br



análise parte de princípios simples e subjetivos, motivados pelo profundo interesse pela escritura diferenciada e peculiar da autora.

Em Clarice Lispector, torna-se permitida, portanto, a vinculação do jornalismo à literatura e a conjuntura da mulher daquela época e a imprensa que se fazia.

2. Jornalismo e Literatura

Desde sempre se tentou relacionar, e muitas vezes desassociar, literatura e jornalismo. O chamado Jornalismo Literário, para alguns autores, trata-se do movimento conhecido como *New Journalism*, surgido nas redações americanas na década de 1960. Pode incluir também biografias, livros-reportagem e ficção jornalística. No Brasil, iniciou-se no período em que os escritores assumiram funções tais como editores, articulistas e cronistas, mais especificamente no século XIX, nos chamados folhetins.

Para Marcondes Filho citado por (Pena, 2006), é nessa época – séculos XVIII e XIX – que a influência da literatura na imprensa está mais presente, não apenas pela frequência de escritores nas redações, mas pela autonomia que estes possuíam na determinação da linguagem e conteúdo dos jornais. São exemplos de grandes escritores que passaram por jornais brasileiros Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo e Euclides da Cunha.

No início do século XX, o folhetim decaiu e evoluiu para a crônica de uma coluna – que focaliza apenas um assunto – e, posteriormente para a reportagem, a entrevista e a crítica literária (Broca, 1975).

De acordo com Pena (2006) exercer o jornalismo literário não significa apenas desvencilhar-se das amarras da redação ou escrever um livro-reportagem, mas potencializar os recursos jornalísticos, indo além da explanação do real, da notícia. O jornalista diário deve utilizar-se de técnicas de narração, boa redação, observação e apuração a fim de que seu texto sirva a algo bem mais que embrulhar peixe no dia seguinte. Assim, ele deve ultrapassar os limites do cotidiano, contextualizar informações e contribuir para o exercício da cidadania.

Clarice Lispector, atuante na imprensa brasileira, é exemplo de um jornalismo que pode ser considerado literário de acordo com os conceitos relatados. Por ser mulher e escrever, principalmente em suas colunas, ao público feminino, ela também é personagem elucidativa das características da imprensa feminina naquela época.



A implantação da imprensa periódica no Brasil no século XIX influencia as origens da imprensa feminina, ressurgida a partir da década de 1920. Nesta época a situação da mulher, em termos de liberdade e reconhecimento, progredia – com a Revolução Sexual, a ascensão do feminismo e a inserção da mulher no mercado de trabalho. A produção na imprensa dedicada às mulheres também crescia e revelava anseios femininos, além de permitir a constante veiculação de informações, contribuintes para a formação de um novo cenário de atuação da mulher brasileira.

De acordo com Buitoni (1990, p.24) a imprensa feminina esteve ligada ao contexto histórico, que criou razões para o seu surgimento e desenvolvimento, sendo que as publicações funcionavam como uma espécie de termômetro da época, onde movimentações sociais significativas ganham destaque.

Ao longo deste artigo, pretendemos destacar características da escritura de Clarice Lispector partindo da perspectiva do trabalho da autora no contexto da imprensa feminina, além do jornalismo literário.

3. Primeiros passos

Clarice Lispector nasce a 10 de dezembro de 1920, em Tchetelnik, na Ucrânia, então pertencente à Rússia. Clarice, cujo nome de batismo era Haia (que significa vida) era a terceira das três filhas do comerciante Pinkouss e de Mania Lispector. Desde o seu nascimento até o ano de 1922, quando chega ao Brasil, enfrenta com a família sucessivas viagens decorridas de guerras internas e perseguições anti-semitas.

Os Lispectors desembarcam em Maceió e em 1925 mudam-se para Pernambuco. Em Recife, Clarice inicia sua vida escolar e vive a infância em que roubava flores, comia pitangas e lia Monteiro Lobato. No ano de 1936 termina o ginásial – primeiro ciclo do curso secundário – e no ano seguinte ingressa na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, para cursar o curso complementar – os dois últimos anos do secundário. Logo depois, inicia o curso superior naquela faculdade e começa a trabalhar como professora particular de português e matemática e, posteriormente, como secretária em um escritório de advocacia e como tradutora.

Ainda durante o curso de Direito, em 1940, Clarice procura o órgão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Getúlio Vargas, na Agência Nacional. O diretor lhe propõe o ofício de tradutora, mas todas as vagas estavam



preenchidas. É assim que ela entra no universo jornalístico, exercendo primeiramente as funções de redatora e repórter.

Sua primeira entrevista – com o escritor Tasso da Silveira – foi publicada na revista *Vamos lêr!*, de 19 de dezembro de 1940. No ano seguinte a revista *A Época*, do corpo discente da Faculdade de Direito onde Clarice estava se formando, trouxe em seu número de estréia um artigo seu intitulado “Observações sobre o direito de punir”, ela que tinha profundo interesse pelo direito penal. O artigo, que trazia referências às obras de Dostoiévski, marcante na juventude da escritora, é um exemplo da propensão literária de seus textos jornalísticos.

Outro exemplo constitui-se em sua primeira reportagem no *Diário do Povo*, de Campinas (SP), de 19 de janeiro de 1941, intitulada “Onde se ensinará a ser feliz” que relata a visita da então primeira-dama a um orfanato e na qual se percebe o tom clariceano de questionamentos existenciais, emoções contraditórias e ficcionais, hoje raramente permitidos em jornais, principalmente por iniciantes.

E certamente na primeira noite ao abrigo, cinco mil garotas não poderão adormecer. Na escuridão do quarto, as milhares de cabecinhas, que não souberam indagar a razão de seu abandono anterior, procurarão descobrir a troca de que se lhes dá uma casa, uma cama e comida.

Quando recebiam caridade, recebiam também um pouco de humilhação e desprezo. Não deixava de ser bom, porque sentiam-se quites e muito livres. Livres para o ódio. Mas nas casas onde agora se acomodam, casas limpas, com hora certa de almoço e de jantar, com roupas e livros, são tratadas com naturalidade, com bom humor...

[...] Mas no momento do adeus à ‘Cidade’ saberão, enfim, que realmente se lhes dava tanto em troca de alguma coisa. O Brasil, a América, o Mundo, precisam de criaturas felizes. Elas riem. Crêem. Amam. As jovens mulheres saberão, então, que delas se espera o cumprimento do grave dever de ser feliz.

Como Clarice trabalhava para a Agência Nacional, órgão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do Governo Getúlio Vargas, a reportagem exaltou a assistência da primeira-dama, Dercy Vargas, idealizadora do projeto que abrigava as crianças abandonadas no orfanato, cuja inauguração foi relatada sob a percepção diferenciada de Clarice. De acordo com Sá (1979) os textos de Clarice submetem as palavras a uma constante compreensão de sentido, não por força de agentes exteriores, mas pela própria dinâmica interna de sua escritura.

Quando do terceiro ano do curso de Direito, em 1941, Clarice continua a publicar textos jornalísticos e literários na imprensa. Seu primeiro registro profissional data de 2 de março de 1942 e a consta como redatora do jornal *A Noite*. Mas somente três meses depois, ganha carteira profissional do Ministério do Trabalho, Indústria e



Comércio. No ano seguinte, é naturalizada brasileira em 12 de janeiro – ainda durante o governo de Getúlio Vargas – e desempenha no referido jornal as funções de repórter e tradutora e, mais tarde, publica seus contos e edita o seu primeiro livro, *Perto do coração selvagem*, lançado no ano seguinte. Em 1943 casa-se com o diplomata Maury Gurgel Valente dividindo-se entre uma intensa produção literária e as obrigações domésticas e sociais, em virtude do ofício do marido.

Em 1946, o *Diário Oficial* publica a remoção de Maury para Berna, na Suíça, a fim de que ele assuma o cargo de vice-secretário. Após missão diplomática na Europa, o casal Valente retorna ao Brasil e permanece no Rio de Janeiro durante os meses de maio a setembro de 1952. Enquanto esperava a transferência do marido para os Estados Unidos, Clarice ingressa como colaboradora de um novo semanário, *O Comício*, a convite do escritor e jornalista Rubem Braga. A escritora inaugura uma nova fase na sua atividade jornalística, a de colunista feminina, dois filhos – Pedro e Paulo – três romances – *Perto do Coração Selvagem* (1943), *O Lustre* (1946) e *A cidade sitiada* (1949) – e vários contos depois.

4. Colunista Feminina

Protegida sob o pseudônimo de Tereza Quadros, Clarice passa a compor a coluna “*Entre Mulheres*”. Ela teme comprometer seu nome mediante a produção de textos menos elaborados e afetar a sua imagem de esposa de diplomata. Ao todo, foram dezessete edições publicadas no *Comício* de maio a outubro de 1952. Tereza adquire personalidade, como as inúmeras personagens femininas de Clarice, e, muitas vezes, denuncia sua autora e detalhes de toda a sua ficção. Na coluna, é possível observar a presença de textos que, posteriormente, originaram contos e livros e, inclusive, reaproveitamento de outros textos, ou seja, variações de um mesmo tema – prática comum na obra da escritora. Em 1952, após colarem grau na faculdade de direito, Clarice e Maury vão para os Estados Unidos, onde ele assume um novo cargo. *Comício* deixa de circular.

Em 1959, separada do marido, ela retorna ao Brasil e volta a escrever como colunista para complementar sua renda e garantir independência. Dessa vez como Helen Palmer, no *Correio Feminino – Feira de Utilidades*, publicado no segundo caderno do *Correio da Manhã*, às quartas e sextas-feiras durante os anos de 1959 a 1961, em um



total de cento e vinte oito edições⁴. Helen Palmer é bem mais simples que Tereza e, em virtude de um acordo com o departamento de relações públicas da empresa Pond's, tem como principal objetivo divulgar subliminarmente a marca de cosméticos.

As inserções gráficas na coluna mostram a mulher “Amélia”, dona de casa exemplar, feminina, zelosa de seus marido e filhos e que deveria evitar maquiagem excessiva, vestidos justos e a deselegância de um esmalte descascado. Outra preocupação constante era de ensinar a mulher a ser discreta, ser ela mesma, fazendo com que ela evitasse cópias dos modelos femininos propostos pelo cinema.

Na mesma época, Clarice é convidada a ser *ghost writer* da modelo e atriz, considerada a mais bonita do cinema brasileiro, Ilka Soares, e a escrever a coluna “*Só para mulheres*” do tablóide carioca o *Diário da Noite*. Nele escreve de segunda a sábado, no período de abril de 1960 a março de 1961, o que totaliza 291 edições de uma coluna de página inteira por ela diagramada. Clarice se aproveitou de textos levemente modificados da antiga coluna assinada por Tereza Quadros, e geralmente assumiu um caráter de estrela glamorosa para conversar em tom confessional com suas leitoras.

Ilka e Clarice trabalhavam juntas e acertavam detalhes da coluna. Conversavam principalmente sobre moda, Clarice ouvindo como repórter e observando como boa compositora de personagens, já que assumiria a personalidade da atriz que tinha a imagem desassociada a de uma exemplar dona de casa, como demonstravam ser anteriormente Tereza e Helen.

5. Correio Feminino

O livro *Correio Feminino*, organizado por Aparecida Maria Nunes reúne parte dos textos publicados em colunas femininas por Clarice Lispector – sob pseudônimos – no *Correio da Manhã*, no *Diário da Noite*, e na *Revista Mais*, em sua maioria durante a década de 60. Eles são, basicamente, narrativas que trazem conselhos, receitas e segredos do universo feminino num tom bastante confessional.

Ao tratar de assuntos como boas maneiras, economia do lar, moda e relacionamento com o marido, Clarice adentrava o universo feminino de forma aparentemente superficial. No entanto não eram raras as divagações entre o simular e o realmente ser, no sentido mais amplo de “ser” mulher, condição na qual a escritora

⁴ Na mesma época Clarice publica uma série de contos na revista *Senhor*.



iniciava suas leitoras, a exemplo do texto publicado originalmente no *Correio da Manhã*, a 19 de fevereiro de 1960:

A transformação causada pelos tempos, pela instrução, pela vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas idéias em si, que nas exteriorizações ridículas de um feminismo caolho. [...] Não me canso de repetir que, mais importante que a beleza, que a cultura, que um guarda-roupa elegante, para mulher ser atraente, é SER mulher. (*Correio Feminino*, p. 30)

A antologia divide-se em cinco blocos que apresentam a maneira de Clarice falar às mulheres sem o hermetismo de sua obra ficcional, como uma amiga com quem se trata assuntos cotidianos, com quem se troca dicas de beleza e de sedução do bem-amado: “Um retrato de Mulher”, “Saber viver nos dias que correm”, “Retoques do destino”, “Aulas de Sedução” e “Entre mulheres”. A divisão não segue uma ordem cronológica, mas relacionada ao assunto freqüentemente abordado.

Fazendo uma análise dos textos com os quais Clarice colaborou para as colunas femininas não encontramos a qualidade literária de suas obras ficcionais, mas a profundidade que lhes é peculiar fica evidente:

Sonhar é bom, é como voar suspensa por balões. O problema é que um simples bодоque de criança, e os balões estouram. [...] Por que então não subir pelas escadas? É menos bonito, menos rápido. Mas cada degrau alcançado ainda é a boa terra da realidade. [...] Bom, cair pode-se cair, todos sabem disso, sobretudo as crianças que nem por isso deixaram de andar. Mas levante-se, então; também as crianças sabem disso. (*Correio Feminino*, p. 55, originalmente publicado no *Diário da Noite*, a 16 de setembro de 1960)

6. A Descoberta do Mundo

Em 1967, Clarice aceita o convite do *Jornal do Brasil* para escrever uma coluna de crônicas aos sábados. O livro *A Descoberta do Mundo*, organizado pelo filho da escritora, Paulo Gurgel Valente, reúne várias crônicas⁵ publicadas na citada coluna durante os anos de 1967 a 1973 e traz uma nova Clarice, já consagrada como uma das maiores escritoras brasileiras, outra vez no universo jornalístico, desta vez como cronista.

Em 1977, ano de sua morte, ainda publica crônicas no jornal *Última Hora*, durante o mês de fevereiro. Suas crônicas estão, ainda, nos livros *Visão do esplendor -*

⁵ Apesar de essencialmente composta por crônicas, a organização traz, ainda, traduções, entrevistas, citações e contos.



Impressões Leves, de Francisco Alves e *Para Não esquecer*, organização da Editora Ática. Em artigo publicado em jornais Clarice comenta:

As crônicas são uma experiência completamente nova pra mim. Nunca pensei que pudesse fazê-las. Até que Rubem Braga, meu grande amigo, aconselhou-me a fazer várias, para não ficar naquela preocupação de ter alguém esperando pela minha produção literária. (“Que mistério tem Clarice Lispector?”. Por Leo Gilson Ribeiro. *O Estado de São Paulo/ Jornal da Tarde*. São Paulo, 05/02/1969)

A crônica, partindo de princípios etimológicos, é um gênero literário histórico propagado na Europa, durante as épocas medieval e renascentista e que relatava fatos em ordem cronológica. Numa acepção mais atual, ela constitui geralmente um artigo de jornal que oferece reflexões e críticas acerca dos mais variados temas, inclusive fatos cotidianos ou noticiosos sem, no entanto, visar à informação e conferindo aos acontecimentos um tom emocional. De acordo com Cândido e Castello (1964, p.113), o gênero “crônica consiste no tratamento breve e acessível dos fatos diários, de temas ligados aos costumes, à arte, à política, geralmente do ângulo das impressões pessoais”, constituindo, portanto, um gênero “meio jornalístico”.

Essas características associadas estabelecem, portanto, uma relação estreita entre jornalismo e literatura no que concerne, respectivamente, a necessidade de atenção à realidade e ao outro e a construção cuidadosa da linguagem sob a visão diferenciada do autor. Machado de Assis, tenta conceituar e mostrar, de maneira bem humorada, a visão sentimental que o cronista deve possuir diante dos fatos corriqueiros:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue* está começada a crônica. (Publicado no livro “Crônicas Escolhidas”, Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13)

É seguindo esta linha de exibição da trivialidade que Clarice desenvolve suas crônicas e nos traz muitas vezes redescobertas entre existencialismo, a arte de escrever, a infância etc. de forma subjetiva, amena, e com a linguagem bela e despretensiosa que lhe é própria.

Em outras oportunidades, apresenta-se politicamente engajada, a exemplo da crônica publicada em 6 de abril de 1968, onde se mostra chocada com a morte do



estudante Édson Luís pela polícia militar, durante a ditadura, no restaurante Calabouço, Rio de Janeiro. A crônica comenta uma espécie de estado de graça, de leveza, de pura felicidade ao qual o ser humano pode chegar e conquistado pela autora vez em quando; e a força que se ganha após sair dele: a percepção da real condição humana na sua “pobreza implorante”, onde se aprende a “confiar mais no sofrimento e em seus caminhos tantas vezes intoleráveis”. E termina com o *post scriptum*: “Estou solidária, de corpo e alma, com a tragédia dos estudantes no Brasil”.

Clarice se considerava uma principiante na escrita e publicação de crônicas e quando passa a publicá-las o faz principalmente por razões financeiras. No entanto, como em seus outros textos, a autora se expõe, revela-se em cada linha e é exatamente este o diferencial da nova atividade que não mais utiliza pseudônimos. É o que a autora ressalta na crônica “Amor imorredouro”:

Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo a minha alma. [...] Vendo, pois, para vocês com o maior prazer uma certa parte de minha alma – a parte de conversa de sábado. (Fragmento da crônica “Amor imorredouro, publicado em 09/09/1967. In *A Descoberta do Mundo*, p.29)

Paralelamente, alcançou grande sucesso como entrevistadora. Na revista *Manchete*, assinava “Diálogos possíveis com Clarice”; além de escrever para a revista *Fatos & Fotos*, da Editora Bloch. As entrevistas de Clarice Lispector foram reunidas nos livros *De Corpo Inteiro* e *Entrevistas*, lançados, respectivamente, em 1975 e 2007, e integrantes do catálogo da Editora Rocco.

“Eu me expus nessas entrevistas [publicadas em *De corpo inteiro*] e consegui assim captar a confiança de meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa, e não as clássicas perguntas e respostas.” (“Escritora Mágica”, por Isa Cambará. Revista *Veja*. São Paulo, 30/07/1975)

Personalidades das mais variadas, de Pablo Neruda a Hélio Pelegrino, são abordadas pela Clarice entrevistadora que, em suas perguntas e comentários, deixa o entrevistado livre e posiciona-se como uma boa ouvinte. Em *De corpo inteiro* é possível encontrar a mesma Clarice profunda e feminina, mostrando-se, desta vez, como soberana na atividade jornalística de entrevistar.

Em suas principais entrevistas a pessoas do universo cultural como escritores, músicos, arquitetos etc., Clarice aborda o processo de criação artística, questões



políticas e sociais, além de temas recorrentes em sua vida como liberdade, relacionamento com a família e com os filhos, morte, casamento, religião.

Em muitos casos, percebe-se um caráter de conversa entre amigos nas entrevistas, visto que, muitos dos entrevistados realmente mantinham laços de amizade com Clarice.

É o que fica evidente no seguinte trecho de uma entrevista da escritora ao músico Tom Jobim:

Um dia, faz algum tempo, Tom veio me visitar: há anos que não nos víamos. Era o mesmo Tom: bonito, simpático, com o ar de pureza que ele tem, com os cabelos meio caídos na testa. Um uísque e conversa que foi ficando mais séria. Reproduzirei literalmente nossos diálogos (tomei notas, ele não se incomodou).

- Tom, como é que você encara o problema da maturidade?

- Tem um verso do Drummond que diz: "A madureza, esta horrível prenda..." Não sei Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente.

- Não faz mal, a gente exige bem.

- Com a maturidade, a gente passa a ter consciência de uma série de coisas que antes não tinha, mesmo os instintos, os mais espontâneos passam pelo filtro. A polícia do espaço está presente, essa polícia que é a verdadeira polícia da gente. Tenho notado que a música vem mudando com os meios de divulgação, com a preguiça de se ir ao Teatro Municipal. Quero te fazer esta pergunta a respeito da leitura de livros, pois hoje em dia estão ouvindo televisão e rádio de pilha, meios inadequados. Tudo o que escrevi de erudito e mais sério fica na gaveta. Que não haja mal-entendido: a música popular, considero-a seríssima. Será que hoje em dia as pessoas estão lendo como eu lia quando garoto, tendo o hábito de ir para a cama com um livro antes de dormir? Porque sinto uma espécie de falta de tempo da humanidade - o que vai entrar mesmo é a leitura dinâmica. Que é que você acha?

- Sofro se isso acontecer, que alguém leia meus livros apenas no método do vira-depressa-a-página dinâmico. Escrevi-os com amor, atenção, dor e pesquisa e queria de volta como mínimo uma atenção completa. Uma atenção e um interesse como o seu, Tom. E, no entanto o cômico é que eu não tenho mais paciência de ler ficção.

(Conversa meio a sério com Tom Jobim I. Publicada no *Jornal do Brasil*, em 3 de julho de 1971 e publicada em *A Descoberta do Mundo*, p. 358.)

Através da análise feita das publicações de Clarice Lispector na imprensa brasileira percebe-se uma nova faceta da escritora, conhecida principalmente pela sua obra ficcional. Além disso, esboça-se um paralelo entre a imprensa da segunda metade do século XX e a atual, onde naquela muitos dos principais autores provinham da literatura e onde gêneros que mais tarde originariam a crônica galgavam mais espaço.

As conquistas femininas também incluem-se no contexto das publicações de Clarice Lispector, principalmente nas colunas. Clarice saudava a mulher moderna, detentora de muito mais espaço na sociedade brasileira.



Mesmo escrevendo amenidades em colunas femininas, a escritora Clarice não se desvincula de sua escritura para atuar nos jornais e são perceptíveis traços de sua profundidade principalmente nas crônicas, textos e entrevistas nos quais mantém a “natureza deslocada, oblíqua, obscura, ainda quando fala do banal” (HELENA, 1997, p. 18) de sua literatura.

Diante disso, percebemos o valor histórico e literário das contribuições de Clarice à imprensa brasileira, visto que carregam sua literatura valorosa em textos simples e, muitas vezes, extremamente subjetivos e enigmáticos.

A partir das considerações feitas ao longo do texto, fica o estímulo para novas descobertas dentro do mundo clariceano.

Referências bibliográficas

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1994.

BROCA, B. **A Vida Literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.

CANDIDO, A.; CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura Brasileira – História e Antologia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

HELENA, L. **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997

LISPECTOR, Clarice. **Correio feminino**; organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, edição especial números 17 e 18, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.



MEDEL, Manuel Ángel. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de.; GALENO, Alex .(org.) **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SÁ, O. de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.